

# Suplemento Cultural

## Cego

### As aparências são sombras enganadoras

RAQUEL NAVEIRA

Em volta da mesa, os amigos conversam sobre arte, cinema, literatura. Alguém se lembra de Jorge Luís Borges, o escritor argentino que ficou cego. Ele, o professor que conhecia cada livro da Biblioteca Nacional, onde fora diretor por tantos anos, entrou um dia nas galerias do metrô, no trem de vidro, ferro e chispas e saiu de lá tonto, sem visão. Foi a partir desse instante que começou a criar símbolos no escuro: labirintos, sonhos, caudas de tigres, livros de areia. Atravessou o jardim das veredas que se bifurcam, o caos que governa o mundo, a irrealidade da escrita. Porque o cego participa do divino, é vidente, é estranho, caminha por uma realidade secreta, proibida aos comuns dos mortais.

Imediatamente citou-se Homero, o bardo da Grécia Antiga, o autor cego da Ilíada e da Odisseia, as maiores narrativas de guerra e de amor da humanidade. O cerco a Troia. A imprudência do príncipe Páris apaixonando-se pela bela e trágica Helena. O corpo de Heitor esfaçalhado pelas bigas ao redor dos muros da cidadela. A armadilha do cavalo de madeira. As aventuras do grego Odisseu ou Ulisses na travessia do mar. O encontro desse herói com Tírésias, o profeta cego de Tebas, que viu uma vez a deusa Atena se banhando nua numa fonte. A cegueira como castigo, expiação. Foi Tírésias, com seus olhos cegos de iniciado, que levou Ulisses ao Hades, aos Infernos, à mansão dos mortos, onde nenhum ser vivo até então penetrara.

- Ah! E não esqueçam que Camões ficou cego de um olho numa batalha, salientou a poetisa de fala doce. Deve ter sofrido em seu orgulho. Era moço bonito, loiro arruivado, temperamental. Mais um golpe do destino, mais uma adversidade pressionando seu espírito turbulento. O buraco do olho sempre tampado por uma tira de couro

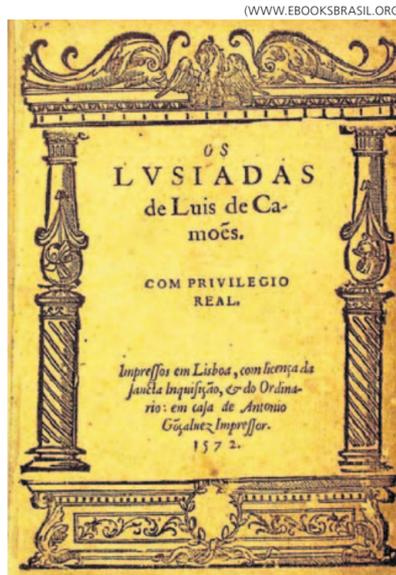
“

O importante é que (Camões) escreveu Os Lusíadas e nos mostrou o quanto era plástica a língua portuguesa, capaz de narrar o épico e expressar as mais finas modulações da alma”

negro como um pirata. O importante é que escreveu Os Lusíadas e nos mostrou o quanto era plástica a língua portuguesa, capaz de narrar o épico e expressar as mais finas modulações da alma.

- E do cego do conto “Amor”, de Clarice Lispector, alguém aí se recorda? Está no livro Laços de Família. Ana, uma dona de casa pacífica e forte como um lavrador, mãe de dois filhos, sobe num bonde e percebe a presença de um cego. Um homem cego que mascava chicletes. Ela se perturba, desce no Jardim Botânico, sente uma náusea doce, uma piedade de leão, enquanto observa os troncos carregados de frutas pretas. O cego lhe mostrara o quanto a vida era periclitante. Que ela gostaria de seguir o seu chamado e ir a lugares pobres e ricos que precisavam dela. Foi tomada pelo medo e pela pior vontade de viver, de optar por uma missão livre, totalmente diferente da escolhida por ela. O cego fez com que ela fosse atingida por uma vertigem de bondade, pelo demônio da fé.

Nesse ponto, eu disse: - Jesus curou três cegos de maneiras diferentes. O primeiro estava sentado à



‘OS LUSÍADAS’ – PRIMEIRA EDIÇÃO, 1571. Camões perdeu um dos seus olhos, mas sua literatura poética fez-se luz integral e eterna

beira do caminho de Jericó. Quando o Mestre passou, gritou, implorou misericórdia e ele o atendeu. O segundo foi curado gradualmente, pois a princípio via homens como se fossem árvores andando. O terceiro era cego de nascença, foi curado com saliva e lodo, lavado no tanque de Silóé.

O jornalista cético sorriu. Afirmou que não cria em milagres e que os dois primeiros cegos até poderiam ter sido curados, mas nunca o cego de nascença, sem nervo ótico. Impossível. Repliquei baixinho: - Foi curado pelo dono da Luz.

Aquela escritora que ama o Oriente, explicou que os hindus alcançam a iluminação espiritual fixando os olhos no sol ardente. Todos concordaram que as aparências são sombras enganadoras, como provou Platão com o mito da caverna, enquanto sorriam goles de café.

Numa outra reunião, estávamos tristes ao redor da mesa. Nosso companheiro jornalista morrera, subitamente, aos cinquenta e dois anos, numa manhã azul de domingo.

## O que eu vou ser quando crescer?

AUGUSTO CÉSAR PROENÇA

Para início de conversa, garanto a vocês que entrei naquela idade que alguém costuma dizer quando me vê andando na rua: “lh... ele já tá ficando gaga!”.

Pois é. Para uns a vida é finita, para outros infinita, apenas as formas são passageiras. Mas a concepção real da vida como um conjunto que tem início, meio e fim, nos permite a atuar com sabedoria nas situações específicas e transformar com maior facilidade os nossos dias em pequenas obras de arte.

Do nascimento à velhice cumprimos diversas fases de vida e recebemos em cada uma delas milhares de lições importantes. Estamos sempre aprendendo, porque a vida é uma aprendizagem e se conseguirmos assimilar todas as lições com sabedoria, nos dizem os orientais, isso nos ajudará a compor uma existência mais harmoniosa e feliz.

Adoro fazer longas caminhadas (de preferência) debaixo de árvores sombrias, respirando toda a pureza do ar que me dá energia, me consola e me faz pensar em “crescer” sempre e ter ainda muito “ser” sobrando em minha vida, apesar dela, da nova idade, estar batendo à minha porta.

“O que eu vou ser quando crescer?” – é a pergunta que de repente me vem à mente como para me renovar as esperanças.

Não quero ser escritor porque já sou e o repeteco é sempre indigesto, mas poderei ser astronauta, pianista, cantor de óperas, mesmo um vendedor de algodão-doce, de amendoim, talvez até um professor de zen-shiatsu... enfim, poderei ser tudo e não ser nada, apenas me deixar levar pelas sensações que a vida ao ar livre me proporciona em toda a sua plenitude.

O importante, dizem também os ensinamentos, é continuar a velhice longe dos conflitos, das amarguras internas e viver intensamente o presente, dedicando-se mais e mais aos estados contemplativos. Em outras palavras: valorizar as idiossincrasias, criando o próprio mundo, aquele mundinho imaginado na infância que parece retornar com toda a carga para que a natureza cíclica se complete, abrindo o caminho da nova estrada.

Com a idade passamos a ouvir as nossas próprias músicas, a sentir os nossos cheiros, a conversar as mesmas conversas corriqueiras, a amar o corpo que a gente deseja amar em hora certa. Passamos a ser os atores da estrada misteriosa que é a vida sem rejeitar o belo lado da juventude, sem desprezar as coisas boas que tecnologia moderna nos oferece, sem se afastar do convívio familiar, da prazerosa lembrança de uma amizade antiga ou da voz de um amigo que já se foi para sempre. Tornamo-nos os pródigos filhos das nossas manias, sim, e deixamos a vida fluir ao compasso de uma valsa de Johann Straus.

Consciente da natureza cíclica da vida universal, nesta hora de reflexão em que me encontro completando a minha existência, forço o meu pensamento para acreditar que a vida seja mesmo infinita, só as formas sejam passageiras. E sinto uma maior felicidade quando me lembro que na natureza nada se perde, tudo se transforma. A cada final corresponde um novo começo.

Então, como a criança indefesa que muitas vezes me habita e me domina, respiro profundamente este ar de árvores sombrias, contemplo carinhosamente a sombra que me envolve e outra vez me pergunto cheio de curiosidade: “O que eu vou ser quando crescer?”

## CARREIRO, TERERÉ E CHIRIPÁ

HELIOPHAR SERRA

Meu sogro é um sábio, já o afirmei em texto anterior: Do Everest dos seus noventa e cinco anos de idade, rijo e mentalmente vigoroso, Florim Jordão falava sobre as coisas da vida.

Certa vez, numa roda animada, quando se discorria sobre a brava nação guarani, ele observou: - Considero o paraguaio um homem essencialmente prático. Vejam só.

- O caboclo brasileiro, isto é, o carreiro, atrela cinco juntas de bois na carreta; de pé, ou a cavalo, sob sol ou chuva, vai espicando os bois com a vara do ferrão. Quando o boi-guia envereda pra esquerda ou pra direita, o carreiro corre para atendê-lo e repô-lo na estrada; assim, aos sobressaltos, avança durante a longa jornada. Chega ao fim, cansado, nervoso, extenuado. Em contraposição, o paraguaio não. O carreiro paraguaio atrela apenas duas juntas de bois ou três. Sentado na carreta coberta, à sombra, segue tranquilo, tendo ao seu lado o inseparável violão. Se o boi sai da estrada, ou teima em abocanhar apetitosos chumaços de capim, o carreiro paraguaio movimenta a picana, aquela vara comprida presa a um arco, suspenso à frente do corpo da carreta, e com ela cutuca e disciplina o teimoso. Ao fim da jornada, ele está tranquilo, descansado, feliz, de roupa enxuta e alma leve.

Em outra circunstância:

- Nas longas viagens a cavalo, ou de carreta, o caboclo brasileiro sente vontade de fumar; desenrola, então, uma sequência comprida de atos para um mesmo fim; tira do bolso um pedaço do goiano, uma palha de milho seca e, com a faca ou com o canivete, vai cortando pedacinhos do fumo e colocando-os na palma da mão esquerda;

num dado instante, guarda a faca, larga as rédeas do cavalo e esfarrinha o fumo; enquanto a mão esquerda permanece firme, com os pedacinhos do fumo ao centro, comprime a mão direita contra a esquerda, imprime nela um movimento circular, rotatório, depois coloca o fumo na palha, enrola o cigarro, dobra uma das pontas, umedece-a com a saliva, leva o cigarro à boca e o acende, atrapalhado às vezes com o vento, que teima em apagar a chama. Em contraposição, o paraguaio não necessita de nada disso; mete a mão no sapicuí, tira um pedaço de fumo de corda, leva-o à boca, arranca um naco e vai mascando gostosamente, cuspinhando escura saliva.

E o chimarrão? É outra sucessão de atos preparatórios, às vezes difíceis ou impossíveis se estiver chovendo. O carreiro brasileiro para a carreta, apeia do cavalo, cata lenha, faz o fogo, retira a chaleira, ferve a água, coloca a erva na guampa, põe a água fervente, joga fora os primeiros chupões é só então saboreia o gostoso amargo.

Mais uma vez, o paraguaio leva vantagem, com o seu senso eminentemente prático: tira a guampa do sapicuí, coloca nela a erva, a bombinha, apanha a água fria da vazante e, sem descer do cavalo, vai chupitando o seu tereré.

Porém, não para aí. A goleada continua: o caboclo brasileiro entra na loja, experimenta várias calças e escolhe afinal uma delas. Ou então compra o tecido, manda fazer a calça em casa, ou no alfaiate, gasta com os aviamentos, aguarda dois ou três dias para recebê-la pronta.

O paraguaio entre no bolicho, manda cortar o pano do seu agrado, enrola-o no seu corpo, e sai de roupa nova, no seu folgado chiripá.

É, ou não é, mestre Hélio Serejo?

## POESIAS

NICO PRETO – “O BURaqueIRO”

(Para o historiador Edson Carlos Contar, na semana da “consciência negra”)

Fruto da escravidão – sem nome e teto,  
Perdido pela vida, um forasteiro –  
Cá chegou a buscar talvez afeto  
O Nico Preto, alcunha: “O Buraqueiro”.

Pois ninguém tanta cova, ao chão concreto,  
Faria por tão pouco vil dinheiro...  
Dinheiro?!... Só um prato, o mais discreto,  
Por seu suor pagava o fazendeiro.

Tantas covas fez Nico Buraqueiro!...  
Porém duas, no instante derradeiro,  
Deu-lhe Deus, como santa caridade

Pelas tantas que fez sem paga, e só:  
Na do chão – o seu corpo é paz no pó;  
Na do céu – vive a luz da eternidade!

GERALDO RAMON PEREIRA

## MUROS

às vezes os domínios das pessoas  
são tão pequenos e elas fazem  
deles espaços tão grandes que  
parecem ser até maiores do que são

outras têm medidas tão extensas  
mas não conseguem fugir  
de universos tão pequenos  
que constroem para si mesmas

criando nossos espaços  
nos orientamos pelos limites  
muitas vezes vamos além dos quintais  
ou então damos com a cara nos muros  
que não conseguimos transpor

com escada  
com próprias mãos  
sozinho ou com ajuda  
pule

no mínimo  
chegue em cima  
veja o que acontece  
a paisagem do lado de lá

HENRIQUE DE MEDEIROS

## NOTÍCIAS DA ACADEMIA

**I - CHÁ DA ASL TRAZ PIERRE ADRI E A ABRANGÊNCIA DA IMPRENSA EM MS** – A Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), em parceria com a Associação Campo-Grandense de Professores (ACP), apresentará na quinta-feira (26/11), às 19h (na sede da ACP – Rua 7 de Setembro, esquina com Rui Barbosa), o seu evento cultural *Chá Acadêmico* do mês. Na ocasião, teremos uma concisa palestra do jornalista, advogado e escritor Pierre Adri, que discorrerá sobre o tema: “*Abrangência da Imprensa escrita, falada e televisada em MS histórico*”. Vale a pena conferir.

**II - ACADÊMICO GUIMARÃES ROCHA LANÇA LIVRO EM SEGUNDA EDIÇÃO, ATUALIZADA** – A obra ‘CORONEL ADIB – A História’, do escritor poeta Guimarães Rocha, será relançada em 2ª Edição pela Life Editora, no próximo dia 27/11/2015, às 19h30min, no Auditório da Grande Loja, Rua Sucre, nº 275, Vila Carlota, Campo Grande-MS. Interessados pela seleta literária regional estão convidados.